

As Universidades em Portugal

O que têm em comum a Universidade de Lisboa, o Observatório Astronómico da Ajuda e o Censo de 2011? Aparentemente nada. Vale todavia a pena olhar mais de perto. A propósito do Centenário daquela Universidade, o reitor organizou uma série de «Cem Lições» proferidas por ex-alunos. Composta por meia dúzia de gatos-pingados, entre os quais me encontrava, a assistência revelou o óbvio: em Portugal não existem Universidades.

Há alguns meses, um médico ordenou-me que andasse 40 minutos por dia. Comecei pela Tapada da Ajuda. Uma vez ali, deparei com o Observatório Astronómico mandado construir, na década de 1850, por D. Pedro V. Faz este mês 150 anos que a primeira pedra foi por ele lançada. Apesar de o interior conter, ao que me dizem, um conjunto fascinante de instrumentos, não pode ser visto. Por outro lado, a beleza do edifício neoclássico tão-pouco estimulou o restauro. Perguntei a quem pertencia. A resposta deixou-me estupefacta: à Universidade de Lisboa.

Chegamos ao Censo de 2011: acabo de ser informada de que 34% dos 50 000 candidatos à distribuição dos questionários porta a porta têm formação superior. Mas foi para esta tarefa que as Universidades andaram a preparar gente? É esta a geração «qualificada» de que o Eng. Sócrates gosta de falar? Como se sentirão os jovens que, dentro de dias, nos abordarão, envergando um colete verde reflector?

Se procurarmos averiguar quem são os responsáveis pela deplorable situação a que chegámos, temos de colocar, na primeira fila, os ministros da Educação. Mas nem toda a responsabilidade é deles.

Na medida em que, por preguiça ou indiferença, as Universidades abdicaram de ter uma palavra a dizer sobre os seus alunos, tornaram-se cúmplices. Por surpreendente que pareça, quem escolhe os jovens que entram no Ensino Superior é um computador.

Não minimizo as dificuldades sentidas, depois de 1974, pelas Universidades. Sem um passado em que ancorar os cursos, defrontando uma classe média exigindo que os filhos a ela tivessem acesso, não dispo de um corpo docente qualificado, o regime democrático viu-se perante um problema. A direita, por covardia, e a esquerda, por convicção, acordaram em que o ingresso na Universidade era um direito fundamental. Ora, pela sua natureza, esta é elitista.

Uma boa Universidade é uma comunidade. A ausência de salas quer para professores quer para alunos revela o que ali se passa: os docentes chegam, dão as aulas e desaparecem. Eis tudo. Ora, longe de ser uma corrida durante a qual os concorrentes procuram chegar em primeiro lugar, uma Universidade é o local onde tem lugar uma conversa. Sim, uma conversa, ou seja, um debate. Eis o que não existe. Olho a Universidade como o fazia Almeida Garrett quando falava dos frades, em *Viagens na Minha Terra*. Tenho saudades, não do que foi, mas do que poderia ter sido. Quando a critico, não é baseada em sentimentos nostálgicos, mas em nome daquilo que, em 1974, imaginei ser possível.

(5.3.2011)

A Minha Europa e a deles

Em 1962, fui viver para uma ilha, a Grã-Bretanha, situada dentro ou perto da Europa. Apaixonei-me logo pela civilização europeia, de que Portugal parecia estar, há séculos, arredado. Em 1986, quando Portugal aderiu à CEE, aprovei o gesto de forma incondicional. Mas o entusiasmo não durou. Não tardei a reparar que a União Europeia produzia subsídios para os agricultores, quotas para o pescado e regras sobre lâmpadas, mas não europeus.

Nesta organização, o poder é detido pelo Conselho Europeu, um somatório de interesses nacionais, e pela Comissão, uma casta que não responde perante ninguém. Regiamente pagos, os seus funcionários querem estar bem instalados. No ano passado, decidiram construir uma nova sede para o Conselho, com 40 000 m², a qual custará uma fortuna. Por seu lado, o Parlamento é um clube itinerante dentro do qual apenas se debatem coisas menores, pelo que não espanta que os seus membros se vinguem, entretendo-se a pensar na forma de melhorar a vidinha. Como não há uma ligação real entre eles e os eleitores, fazem o que lhes passa pela cabeça.

Num momento de crise como aquele que atravessamos, não encontraram nada melhor do que proceder a um aumento generalizado das despesas correntes (dos 22 eurodeputados portugueses, só Miguel Portas votou contra). Além dos chorudos vencimentos que recebem, usufruem de 300 euros de ajudas de custo diárias quando estão em Bruxelas e Estrasburgo, têm direito a bilhete de avião de ida e volta em 1.^a classe para o país de origem (os serviços só compram passagens em turística quando recebem ordens expressas nes-

se sentido). Nem o mais ínfimo pormenor foi deixado ao acaso. O percurso entre a casa e o aeroporto — e vice-versa — é pago pela instituição, sendo o respectivo montante calculado em quilómetros. No corrente ano, para a contratação de «assistentes» (muitos deles familiares sem habilitações para o exercício das tarefas exigidas), passarão a dispor de uma verba mensal de 21 200 euros, ou seja, mais 3000 do que em 2010. Não admira que a proposta do Orçamento para o corrente ano inclua, na rubrica «recursos dos deputados», um aumento de 27 milhões de euros.

Todos os empreendimentos colectivos — e a União Europeia é um deles — exigem confiança em quem neles está envolvido. Quando pagamos impostos, é por imaginar que outros o farão e que, mais importante, o dinheiro será bem aplicado. Durante anos, os Alemães subsidiaram as economias do Sul, acreditando que tal contribuiria para criar uma Europa mais solidária. Depois do que se passou com as contas públicas dos PIGS — Portugal, Itália, Grécia e Espanha —, o pacto está à beira da ruína. Os Alemães não acreditam que o Eng. Sócrates saiba administrar o nosso dinheiro. Nem eu.

(19.3.2011)

Os Velhos

O Estado está a contar-nos, cabeça a cabeça. A isto chama-se Censo, do latim *censu*, a lista dos nomes e a avaliação das propriedades dos cidadãos romanos. Estava hoje a preencher o questionário do INE quando notei que passara a integrar a categoria de «pessoa idosa», a designação oficial para quem tem mais de 65 anos. Dado o meu pendor melodramático, comecei logo a imaginar que me restavam poucos anos de vida. À força, fui capaz de interromper esta meditação fúnebre, para pensar naqueles que, dentro do meu grupo etário, estão em pior situação do que eu. Através de um caderninho onde anoto as coisas que me surpreendem, descobri que Portugal é hoje o sétimo país mais envelhecido do mundo.

As causas não são difíceis de encontrar. Por um lado, os casais jovens não usufruem de condições para ter filhos; por outro, em virtude dos progressos da Medicina, a esperança de vida tem aumentado. Actualmente, as mulheres vivem, em média, até aos 81 anos e os homens até aos 75. À primeira vista, estes números parecem uma bênção do Céu, mas existe um reverso da medalha. De entre os europeus, os Portugueses são aqueles que durante mais tempo — dezassete anos — enfrentam uma incapacidade permanente. Aos 80 anos, 40% dos nossos velhos estão dementes. Há 190 000 portugueses, com mais de 75 anos, a viver sós, sem ninguém que os ajude nas tarefas domésticas e, mais grave, que com eles converse.

As filhas e as noras — evidentemente os homens consideram sempre que compete às mulheres, e não a eles, tratar dos seus velhos — estão a trabalhar, as famílias vivem em casas pequenas e não existem

lares em número suficiente para os albergar. Adoentados, muitos sobrevivem com pensões miseráveis, nos subúrbios de Lisboa, no interior desertificado do país, nas casas dos bairros antigos das cidades. Na Rua das Trinas, ao lado de onde vivo, já não me cruzo com a rapariga pálida que ali vendia alperces, mas ainda deparo com velhinhas, espreitando-me por detrás das cortinas de renda. Os maridos estão no Jardim da Estrela, jogando cartas com os amigos; os filhos trabalham para sustentar as famílias; e os netos passam os dias na escola, aprendendo coisas de que as avós nunca ouviram falar. Para lá de uma ida ao centro de saúde, do *crochet* que nunca termina e da conversa com as vizinhas, nada sobra. Segundo uma investigação recente, 36,5% dos idosos com mais de 65 anos passam mais de oito horas por dia sem companhia e 28,9% admitem estar na condição de «triste e deprimido». Mas há pior: os velhos constituem metade da taxa de suicídio nacional, uma situação intolerável. Quanto mais não fosse para punir o «socialista» Sócrates, pelo que fez e se preparava para fazer aos reformados mais pobres, valeu a pena derrubá-lo.

(2.4.2011)